



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS
APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANA LUIZA XAVIER GONDIM

**A IDEOLOGIA DO CONSUMO E A INVISIBILIDADE DA CRISE CLIMÁTICA
SOB A ÓTICA DAS TEORIAS CRÍTICAS**

**JOÃO PESSOA, PB
2025**

ANA LUIZA XAVIER GONDIM

**A IDEOLOGIA DO CONSUMO E A INVISIBILIDADE DA CRISE CLIMÁTICA
SOB A ÓTICA DA TEORIA CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em Relações
Internacionais.

Orientador (a): Prof. De. José Francelino Galdino Neto

**JOÃO PESSOA, PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G637i Gondim, Ana Luiza Xavier.
A ideologia do consumo e a invisibilidade da crise climática
sob a ótica da teoria crítica [manuscrito] / Ana Luiza Xavier
Gondim. - 2025.
26 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2025.
"Orientação : Prof. Dr. José Francelino Galdino Neto,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA".
1. Consumo. 2. Teoria crítica. 3. Meio ambiente. 4.
Sustentabilidade. 5. Ailton Krenak. 6. ODS 12. I. Título
21. ed. CDD 333.72

ANA LUIZA XAVIER GONDIM

A IDEOLOGIA DO CONSUMO E A INVISIBILIDADE DA CRISE
CLIMÁTICA SOB A ÓTICA DA TEORIA CRÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Relações Internacionais
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em
Relações Internacionais

Aprovada em: 21/05/2025.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Paulo Henrique de Oliveira Chamon** (***.622.538-**), em **09/06/2025 08:33:32** com chave **925daefa452511f080372618257239a1**.
- **Nayanna Sabiá de Moura** (***.750.293-**), em **09/06/2025 08:58:25** com chave **0c7d26cc452911f089302618257239a1**.
- **José Francelino Galdino Neto** (***.913.924-**), em **09/06/2025 08:25:57** com chave **835ff6ca452411f0bdb41a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final
Data da Emissão: 09/06/2025
Código de Autenticação: 40833b



BANCA EXAMINADORA

Pelos meus pais que sempre me guiaram pelo
caminho de suas orações.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	DESENHO DE PESQUISA.....	11
3	O MEIO AMBIENTE COMO UMA NOVA FERRAMENTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	12
4	CONSUMO COMO IDEOLOGIA.....	16
5	CONCLUSÕES.....	24
6	REFERÊNCIAS.....	27

A IDEOLOGIA DO CONSUMO E A INVISIBILIDADE DA CRISE CLIMÁTICA SOB A ÓTICA DAS TEORIAS CRÍTICAS

THE IDEOLOGY OF CONSUMPTION AND THE INVISIBILITY OF THE CLIMATE CRISIS FROM THE PERSPECTIVE OF CRITICAL THEORIES

Ana Luiza Xavier Gondim ¹

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre consumo, degradação ambiental e estruturas de poder globais sob uma perspectiva crítica, a partir das contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, do pensamento decolonial de Walter Mignolo e das reflexões de Ailton Krenak. O consumo é tratado como uma ideologia que mascara desigualdades, aliena subjetividades e sustenta o sistema capitalista, contribuindo diretamente para o agravamento das crises ambientais. A pesquisa enfatiza a ODS 12 da Agenda 2030 da ONU, que propõe padrões de consumo e produção sustentáveis, mas que muitas vezes é capturada por discursos simbólicos que não rompem com a lógica estrutural do capitalismo. Utilizando uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, o trabalho argumenta que é necessário repensar os fundamentos da civilização moderna e incorporar visões alternativas, como as cosmologias indígenas, para promover uma transição verdadeiramente sustentável e justa. A crítica ao progresso como sinônimo de desenvolvimento reforça a urgência de ações concretas e coletivas frente à crise climática global.

Palavras-Chave: Consumo; Teoria Crítica; Meio ambiente; Sustentabilidade; Ailton Krenak; ODS 12.

ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between consumption, environmental degradation, and global power structures from a critical perspective, drawing on the contributions of the Frankfurt School's Critical Theory, Walter Mignolo's decolonial thought, and the reflections of Ailton Krenak. Consumption is approached as an ideology that masks inequalities, alienates subjectivities, and sustains the capitalist system, directly contributing to the worsening of environmental crises. The research focuses on SDG 12 of the UN's 2030 Agenda, which promotes sustainable patterns of consumption and production, but is often co-opted by symbolic discourses that fail to challenge the structural logic of capitalism. Using a qualitative and interdisciplinary approach, the study argues for the need to rethink the foundations of modern civilization and incorporate alternative worldviews, such as Indigenous cosmologies, to enable a truly sustainable and just transition. The critique of progress as synonymous with development underscores the urgency of concrete and collective action in the face of the global climate crisis.

Keywords: Consumption; Critical Theory; Environment; Sustainability; Ailton Krenak; SDG 12.

¹ Estudante do curso de Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), <ana.luiza.gondim@aluno.edu.br>

1. Introdução

Em uma era totalmente globalizada, onde informações são consumidas a cada segundo, as relações sociais tornaram-se conectadas em tempo real. Isso é decorrente dos meios de comunicação que se desenvolveram em um nível global muito rápido desde sua criação, não somente meios de comunicação como o mundo acadêmico que se desenvolveu e se espalhou. O mundo vai se desenvolvendo e com ele vão surgindo novas realidades, estas que se adaptam e se moldam de acordo com a rapidez do desenvolvimento tecnológico, acadêmico e informativo. Vivemos em um mundo interconectado que compartilha informações a cada segundo e que vai transformando o modo de viver e de pensar da sociedade.

Dessa forma, uma mudança sentida pela sociedade são as mudanças climáticas e a crescente degradação ambiental, que são fatores dessas novas realidades que vem surgindo e com ela uma das maiores preocupações da contemporaneidade, influenciando de maneira direta a dinâmica das Relações Internacionais e os debates sobre desenvolvimento sustentável. Embora tenha avanços institucionais e formulação de compromissos globais, como o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA); a agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU); Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas; as reuniões anuais da Conferência das Partes (COP), pode-se observar uma divergência entre o discurso do desenvolvimento sustentável e sua prática, principalmente quando diz respeito ao consumo desenfreado e suas implicações.

O objetivo desta pesquisa é evidenciar como os padrões de consumo contemporâneos nos transformam em agentes centrais da degradação ambiental. Inseridos em uma lógica capitalista que opera pela produção incessante de desejos, os indivíduos são simultaneamente mercadorias e consumidores. Nesse sistema, a satisfação nunca é plena — ao contrário, ela é constantemente adiada e substituída por novas carências artificiais, o que leva a uma busca contínua por produtos considerados inovadores, modernos e socialmente desejáveis. Como é abordado pelos professores da Universidade de Minas Gerais:

Cria-se, então, um círculo vicioso de competitividade ditado pelas sempre novas aspirações da sociedade de consumo, que desvelam a face da indústria: os desejos conduzidos precisam levar sempre à “não satisfação” de seus membros para que a demanda de consumo não se esgote e a economia mantenha-se continuamente alimentada. A frustração dos desejos é essencial para a movimentação da economia e a tempestade de informações gerada pela sociedade de consumo conduzirá...] Pereira; Veloso. p.12 2020).

O trabalho propõe analisar como o consumo contribui para a inviabilização da crise climática, com ênfase no Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) 12 - Consumo e Produção Responsáveis e na perspectiva crítica do autor indígena Ailton Krenak. Dentro dessa perspectiva serão utilizados autores que abordam a temática da pesquisa como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Mignolo, Karl Marx e Ailton Krenak para desenvolver o tema. Buscando compreender de que forma o modelo capitalista contemporâneo molda práticas sociais que estimulam padrões de consumo insustentáveis, aprofundando desigualdades sociais e impactos ambientais irreversíveis.

Essa dinâmica entre consumo e desenvolvimento econômico, como aponta Adorno e Horkheimer (1985), alimenta a alienação e o conformismo, moldando comportamentos e subjetividades de maneira a garantir a perpetuação do ciclo de consumo. A frustração diante da impossibilidade de atender a todas essas demandas induzidas reforça o papel do consumidor como peça funcional do sistema, contribuindo diretamente para o esgotamento dos recursos naturais e o agravamento da crise ambiental.

Diante desse contexto, esta pesquisa concentra-se na ODS 12 — "Consumo e Produção Responsáveis" —, um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e no olhar crítico do autor indígena Ailton Krenak que aborda o capitalismo como veneno que mata o mundo. Essa meta da ODS busca promover um equilíbrio entre crescimento econômico e preservação ambiental, incentivando padrões de produção e consumo que respeitem os limites ecológicos do planeta.

A partir disso, constrói-se uma linha de análise que insere o meio ambiente como tema central nas Relações Internacionais, não apenas como questão técnica ou ambiental, mas como mediador de novas políticas e estruturas normativas que regulam a forma como os Estados e sociedades produzem e consomem. Considerando os impactos sociais e econômicos decorrentes dessa lógica produtiva, torna-se fundamental refletir sobre como o meio ambiente molda — e é moldado — pelos padrões globais de desenvolvimento, ampliando o debate para além da sustentabilidade e alcançando esferas de justiça social, equidade e soberania dos povos. Isso é notado pelo autor indígena Ailton Krenak (2019), ele propõe uma reflexão profunda sobre essa relação predatória com a Terra, defendendo que o planeta não pode mais ser visto apenas como "recurso", mas como parte essencial da nossa existência, além disso para ele o mundo foi seduzido por uma ideia de “progresso” que desconsidera os limites do planeta e essa ilusão está diretamente ligada ao consumo ilimitado como forma de existência e pertencimento.

O consumo pode ser considerado como uma dessas novas formas de conectar esse mundo globalizado através das transformações sociais ligadas pelo capitalismo que molda a forma de consumir das pessoas. Ele surgiu como uma das principais expressões da

modernidade capitalista, construída como uma prática cotidiana e como uma ideologia profundamente enraizada na sociedade contemporânea.

A lógica do consumo desenfreado é uma forma de manter a economia em constante funcionamento, seguindo um ciclo de produção e reprodução que parece não ter fim. O estudo parte da hipótese de que o consumo excessivo não é apenas uma consequência do crescimento econômico, mas um mecanismo ideológico que mantém a lógica de exploração dos recursos naturais em constante movimento.

Esse cenário, de consumo e produção, está gerando consequências ambientais e um dos principais efeitos das mudanças climáticas é o aumento da temperatura da terra provocado pelos gases de efeito estufa, principalmente dióxido de carbono (CO₂). Em decorrência disso, o mundo vem batendo recordes mundiais de temperatura em várias partes do planeta. Isso pode acarretar em vários fatores negativos para o funcionamento da terra e até mesmo problemas sociais e econômicos. Embora esses gases sejam produzidos naturalmente, sua concentração na atmosfera tem sido significativamente elevada pelas atividades humanas, principalmente a partir da Revolução Industrial, a principal fonte dessa emissão é a geração de energia baseada na queima de combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural. Esses processos liberam grandes quantidades de dióxido de carbono e óxidos de nitrogênio na atmosfera, sendo considerados os maiores responsáveis pelo agravamento do efeito estufa e, consequentemente, pelo aquecimento global (ONU, 2023).

São gases emitidos por atividades humanas, segundo os dados do site oficial da União Europeia, esses gases têm aumentado devido ao aumento dos meios de transportes terrestres, aéreos e marítimos, que tiveram aumentos no número de veículos, de passageiros e no volume de mercadorias no comércio internacional nos últimos 30 anos (site oficial do Parlamento Europeu, 2022). Principalmente na União Europeia. Com esses efeitos, aumentam os efeitos colaterais das mudanças climáticas. O aumento das temperaturas ao longo do tempo, está alterando os padrões climáticos e perturbando o equilíbrio natural da natureza e um dos países que se destacam nesse aspecto e que mais emitem esses gases é a China, ela sozinha emitiu em 2023 mais de 15 milhões de toneladas de CO₂ comparado a mais de 5 milhões emitidos pelos EUA (site oficial do Parlamento Europeu, 2022).

Essa dinâmica do capitalismo, embora fundamental para manter o ciclo econômico vivo dentro dos moldes atuais, vai gerar consequências sociais, econômicas e ambientais. O consumo excessivo, estipulado por mecanismos ideológicos próprios do capitalismo moderno, atua como ferramenta de invisibilização da crise climática, dificultando a efetivação de práticas de consumo sustentável proposto pela ODS 12, ao mesmo tempo que reforça desigualdades sociais e ambientais globais. Ao passo que a tecnologia vai avançando e criando novas formas de manter um equilíbrio entre produção e preservação ambiental, observa-se também o

fortalecimento de um modelo de desenvolvimento que, paradoxalmente, compromete o futuro da própria vida na Terra. Assim, a crise climática torna-se um efeito colateral naturalizado, reforçando estruturas de dominação que datam do período colonial e que ainda hoje se refletem no sistema-mundo.

Essa “arma” simbólica — o consumo como ideologia — age silenciosamente, mas com força destrutiva, gerando abismos sociais, alimentando desigualdades e promovendo realidades ilusórias baseadas em desejos artificialmente construídos. Seus efeitos se manifestam no agravamento das crises ambientais, na extinção de espécies, na perda de biodiversidade e, sobretudo, no apagamento de identidades culturais e formas alternativas de existência. Como argumenta Ailton Krenak (2019), ao naturalizar o consumo como centro da vida social, "estamos adiando o fim do mundo apenas para alguns", enquanto outros já vivem o colapso em suas realidades cotidianas.

Portanto, discutir a ODS 12 à luz de pensadores contemporâneos é importante para alertar como os efeitos ambientais podem provocar uma reflexão sobre o papel do consumo enquanto instrumento de manutenção de um sistema que ao priorizar o consumo compromete o futuro da humanidade e do planeta.

Dessa forma, este trabalho será estruturado em três partes principais: (1) uma análise do meio ambiente como uma nova e relevante dimensão das Relações Internacionais, destacando como as questões ambientais passaram a integrar a agenda internacional e influenciar políticas globais; (2) a apresentação da metodologia adotada na pesquisa, com foco em abordagens qualitativas e revisão teórica crítica; e (3) a discussão sobre como o consumo se configura como uma ideologia dominante na sociedade contemporânea, sustentada pelas estruturas do capitalismo, e seus impactos diretos sobre o meio ambiente, com base em perspectivas críticas como a de Ailton Krenak, Horkheimer & Adorno e Walter Mignolo.

2. Desenho de pesquisa

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, fundamentada na análise documental e na revisão bibliográfica crítica, baseando-se em autores que contribuíram para a análise crítica da sociedade do consumo, das estruturas de poder globais e da crise ambiental. A metodologia envolve a leitura e interpretação de obras teóricas centrais, como os escritos de Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Mignolo e Ailton Krenak, além de documentos oficiais da Organização das Nações Unidas, especialmente aqueles relacionados à Agenda 2030 e à ODS 12. Foram examinados também relatórios científicos, como os produzidos pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a fim de contextualizar os dados empíricos que embasam as discussões teóricas.

A pesquisa utiliza o método de triangulação entre Teoria Crítica, pensamento decolonial e dados institucionais, permitindo uma compreensão ampla e aprofundada das

implicações do consumo como ideologia dominante. Além disso, serão analisados discursos políticos, diretrizes de organismos multilaterais e narrativas midiáticas que envolvem a temática do consumo e da sustentabilidade. Essa abordagem permitirá identificar os mecanismos estruturais que perpetuam padrões de consumo insustentáveis, especialmente nos países do Sul Global e as estratégias utilizadas para legitimar tais práticas sob o discurso da modernização ou do progresso econômico.

Além disso, foram utilizadas palavras-chave em inglês como *Consumption*, *Critical Theory*, *Environment*, *Sustainability*, *Ailton Krenak* e *SDG 12* para ampliar o escopo da pesquisa. Essa estratégia facilitou a abordagem do tema, permitindo uma fundamentação consistente com base nos autores selecionados, além de possibilitar a incorporação de informações e notícias atuais que evidenciam os problemas discutidos.

Por fim, este trabalho pretende incentivar uma reflexão crítica sobre os padrões de consumo da sociedade contemporânea e seus impactos diretos no meio ambiente. Ao evidenciar a relação entre o comportamento consumista e a degradação ambiental, busca-se despertar a consciência de que escolhas cotidianas individuais e coletivas podem contribuir significativamente para a intensificação das crises ecológicas. A continuidade desse modelo insustentável pode acarretar consequências irreversíveis, com efeitos profundos sobre os ecossistemas, a saúde humana e o equilíbrio do planeta.

3. O meio ambiente como uma nova perspectiva das relações internacionais

As transformações na sociedade foram notadas e observadas pelos acadêmicos de todas as áreas de estudos, especialmente no campo das Relações Internacionais. Um marco significativo para a construção da disciplina foi o período pós-guerra, esse foi fundamental para os pensadores tentarem explicar a dinâmica do sistema internacional e o comportamento dos Estados. Diante disso, muitos acadêmicos da área, na época, desenvolveram teorias da era moderna que contribuíram para a construção de teorias que buscavam compreender não apenas as ações dos atores internacionais, mas também os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos que moldam essas ações.

Diante disso, os estudos em Relações Internacionais ganharam maior relevância após a Segunda Guerra Mundial, quando acadêmicos e formuladores de políticas passaram a buscar explicações teóricas para o funcionamento do sistema internacional e para a prevenção de novos conflitos globais. O trauma causado pelas guerras e suas consequências humanas e materiais fomentou a criação de instituições e o fortalecimento de normas internacionais voltadas à cooperação entre Estados. Como destaca Jackson e Sørensen (2018), a disciplina de Relações Internacionais foi profundamente influenciada pelo contexto do pós-guerra, com o

realismo político emergindo como uma das principais abordagens teóricas diante da necessidade de compreender o poder, os interesses e a anarquia do sistema internacional.

Contudo, apesar dos esforços para manter um equilíbrio sistêmico, o cenário internacional continua marcado por disputas de poder, alianças estratégicas e interesses assimétricos. Foi nesse contexto que o campo das relações internacionais se consolidou como uma disciplina voltada a compreender as dinâmicas do poder global, a construção de um sistema internacional mais estável e as formas de evitar que os conflitos escalem em guerras abertas e irreparáveis

No cenário internacional, emergiu progressivamente uma nova preocupação que passou a ocupar espaço nas agendas diplomáticas e estratégicas dos Estados: a questão ambiental. Com o avanço dos impactos negativos causados pelas mudanças climáticas, degradação dos ecossistemas e esgotamento dos recursos naturais, tornou-se evidente que os problemas ambientais extrapolam fronteiras nacionais, afetando diretamente a dinâmica do planeta, a qualidade de vida das populações e as relações econômicas e sociais entre os países. Assim, o meio ambiente passou a ser um fator central nas decisões internacionais, exigindo cooperação multilateral e políticas globais voltadas à sustentabilidade, à mitigação dos danos ambientais e à promoção do desenvolvimento equilibrado.

Dessa forma, este trabalho tem uma base teórica crítica que integra diferentes correntes de pensamento voltadas à análise das estruturas de poder globais, do consumo e de suas implicações para o meio ambiente. Nesse sentido, autores como Ailton Krenak(2019), Walter Mignolo(2003), Max Horkheimer e Theodor Adorno(1985), Guy Debord(1997) contribuíram com seus trabalhos para fundamentar as ideias essenciais para compreender o tema consumo, as contradições do sistema capitalista contemporâneo e suas consequências socioambientais.

Dentro da construção desta pesquisa, serão abordadas as teorias das Relações Internacionais com o objetivo de demonstrar como o pensamento da disciplina vem sendo influenciado e moldado por questões ambientais. A crescente centralidade do meio ambiente nas agendas internacionais revela uma mudança paradigmática, na qual o meio ambiente deixa de ser um elemento periférico e passa a ocupar um papel estruturante na formulação de políticas e estratégias globais. Esse processo é evidenciado pelo desenvolvimento institucional da Organização das Nações Unidas (ONU), que, desde a Conferência de Estocolmo em 1972, vem incorporando progressivamente metas, objetivos e mecanismos voltados ao desenvolvimento sustentável.

As agendas como a Agenda 21 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente a ODS 12, ilustram esse movimento de integração entre meio ambiente e governança global. Dessa forma, as Relações Internacionais passaram a reconhecer que as

transformações ambientais impactam diretamente a segurança, a economia e a estabilidade social dos Estados, o que reforça a necessidade de pensar o meio ambiente como um agente influente na construção do pensamento político e no comportamento das sociedades.

Além disso, filósofos da era moderna analisaram as transformações sociais como fatores determinantes na formação dos comportamentos individuais e coletivos. Entre eles, Karl Marx (2008) exerceu papel fundamental na construção do pensamento crítico acerca do capitalismo. Em sua análise, o capitalismo é compreendido como uma força estruturante que molda não apenas as relações econômicas, mas também as dinâmicas sociais e políticas. Marx destacou como esse sistema promove a alienação do trabalhador, ao separar o indivíduo do produto de seu trabalho, e reforça desigualdades estruturais que perpetuam a exploração e a concentração de poder econômico. Conforme afirma Marx “o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz”, evidenciando o paradoxo central do sistema capitalista, no qual a acumulação de capital se dá às custas do empobrecimento e da desumanização de grande parte da sociedade (Marx, 2008, p. 81).

Nesse contexto, o pensamento de Ailton Krenak (2019) oferece uma crítica contundente ao modelo civilizatório dominante, ao afirmar que a crise ambiental é, antes de tudo, uma crise de sentido e de espiritualidade. Para o autor, o planeta está sendo tratado como um "recurso" e não como um "corpo vivo", sendo explorado até seus limites em nome de uma ideia distorcida de progresso. Como ele ressalta, “não há humanidade sem planeta vivo” (Krenak, 2019), apontando a urgência de repensar nossa forma de existir e consumir, especialmente no âmbito das relações internacionais.

Dentro da perspectiva de análise das transformações sociais, a Teoria Crítica — uma das correntes fundamentais das Relações Internacionais — oferece um importante arcabouço teórico para compreender as dinâmicas do sistema internacional contemporâneo. Autores como Theodor Adorno e Max Horkheimer, ao abordarem o papel da cultura na consolidação da lógica capitalista, destacam como os mecanismos de alienação são utilizados para naturalizar formas de dominação. Em *Dialética do Esclarecimento* (1985), os autores argumentam que a racionalidade instrumental moderna transforma a cultura em mercadoria, promovendo uma homogeneização que reforça o conformismo e enfraquece o pensamento crítico. Assim, o consumo deixa de ser apenas um ato econômico e passa a ser um instrumento ideológico que molda subjetividades e sustenta estruturas de poder globais.

Essa perspectiva também pode ser notada por Debord em “A Sociedade Espetáculo” quando ele aborda que esse instrumento ideológico é uma forma de manter a automação da indústria moderna:

A automação é o setor mais avançado da indústria moderna e ao mesmo tempo o modelo que define sua prática. Mas é necessário que o mundo da mercadoria supere esta contradição: a instrumentação técnica que suprime objetivamente o trabalho deve, ao mesmo tempo, conservar o trabalho como mercadoria, e

manter o trabalho como única instância de nascimento da mercadoria (Debord, 1967 p. 31).

Dessa forma, nota-se que a dinâmica do consumo opera para alimentar uma sociedade voltada prioritariamente à satisfação de desejos individuais, frequentemente ignorando os impactos coletivos e ambientais desse comportamento. Ainda que os meios de comunicação divulguem com frequência os efeitos devastadores da produção desenfreada — como o aumento recorde das temperaturas, a poluição e o acúmulo de resíduos —, essas mesmas mídias continuam promovendo incessantemente novos produtos, reforçando o ciclo do desejo e da obsolescência. Trata-se de um sistema em constante expansão, no qual a crítica ambiental é neutralizada pelo apelo ao consumo. Torna-se, portanto, urgente repensar esse modelo produtivo e agir de forma concreta para conter os danos causados por uma lógica que beneficia uma minoria às custas do equilíbrio planetário.

Além disso, vale destacar o papel de Walter Dignolo (2003) com sua perspectiva decolonial, que oferece uma contribuição significativa para a compreensão do pensamento latino-americano em relação ao uso do meio ambiente como ferramenta de desenvolvimento. A abordagem de Dignolo (2003) evidencia como os países do Sul Global buscam, legitimamente, desenvolver suas próprias economias e alcançar reconhecimento no cenário internacional, produzindo seus próprios bens e crescendo de forma autônoma. No entanto, o autor chama atenção para a persistência da lógica da colonialidade do poder, na qual as estruturas globais continuam subordinando essas nações. Nessa lógica, o consumo não é apenas um fenômeno econômico, mas também uma ferramenta de dominação cultural e simbólica, utilizada para manter a dependência e a inferiorização dos países periféricos em relação ao Norte Global.

Dessa forma, pode-se notar que é uma pauta bastante discutida e tem ganhando destaque no cenário internacional devido a sua importância dentro desse sistema interconectado e interdependente. Trata-se de um problema que, embora passível de solução, vem sendo constantemente negligenciado, muitas vezes pela falta de confiança nos dados científicos ou pela resistência política à mudança.

Um exemplo marcante dessa postura foi a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris no primeiro dia do governo Trump em 2025 (CNN, 2025), o que evidencia a falta de responsabilidade climática de um dos países que mais emitem gases de efeito estufa no mundo. Essa ausência de compromisso por parte de grandes potências tende a desestimular os esforços coletivos necessários para enfrentar a crise climática, comprometendo os avanços globais em direção à sustentabilidade. O acordo é um documento importante que junta todos os países a mitigar os efeitos das mudanças climáticas através de metas que limitem o aquecimento global, como diminuir a temperatura da terra em até 1.5 graus. No entanto, tem tido dificuldades para manter o equilíbrio entre as vontades dos países.

Apesar dos avanços e do comprometimento de diversos países com medidas ambientais, como aquelas propostas pela ODS 12 da Agenda 2030 da ONU — que busca garantir padrões sustentáveis de produção e consumo —, tais esforços ainda se mostram insuficientes diante da postura de grandes emissores de gases de efeito estufa. Quando potências globais adotam comportamentos anti progressistas e se recusam a implementar ações eficazes de mitigação, comprometem o alcance de metas globais e agravam a crise ambiental. A Organização das Nações Unidas (ONU), embora desempenhe um papel central na mediação e formulação de políticas sustentáveis, encontra barreiras significativas num sistema internacional caracterizado pela anarquia — ou seja, pela ausência de uma autoridade central supranacional. Essa estrutura dificulta a imposição de medidas obrigatórias e compromete a efetividade da cooperação internacional.

4. Consumo como ideologia

Para compreender o consumo e as suas consequências no meio ambiente é essencial analisar suas origens e sua evolução ao longo do tempo. Dessa forma, para entender como esses dois estão conectados entre si é necessário ir na raiz de sua conexão. Desde o início com a colonização em busca de especiarias e novos produtos para a fabricação de manufaturados aliado a revolução industrial, desenvolveu-se uma sociedade de consumo e o início de uma degradação ambiental sem precedentes (Pereira; Veloso, 2025). Até os dias de hoje é notável a destruição de regiões, civilizações e identidades (Krenak; 2019) em detrimento de uma produção para alimentar bolsos e fantasias, uma forma que transcende a simples satisfação de necessidades materiais.

É notável que a interação entre consumo-crescimento econômico foi sendo construída e moldada ao longo dos anos pelo comportamento consumista desenvolvido pela sociedade e pela relação econômico-político através de uma ideia de riqueza e prosperidade ao longo dos anos. Consequentemente, o seu desenvolvimento começou a demonstrar sinais de fraqueza na natureza devido à degradação ambiental e ao seu impacto nos ecossistemas naturais.

Dessa forma, os anos de desenvolvimento que se iniciaram com a busca de matéria prima se desenvolveu em uma sociedade que ficou cada vez mais alienada ao consumo, e com um Estado que teve que se adaptar e se tornar um mediador dessa relação, com um papel fundamental que manteve e ainda mantém esse ciclo funcionando (Pereira; Veloso 2020). Em decorrência disso foi sendo desenvolvido novas formas de ao mercado e um Estado aliado a um fator importante, o crescimento econômico.

Essas interações - crescimento econômico e degradação ambiental - se intensificaram ao longo dos anos e se desenvolveram para se adaptar às novas formas de consumo que rodeiam a sociedade nos dias atuais. Tornaram-se um elemento estruturante das relações sociais, identitárias e culturais, assumindo contornos ideológicos que legitimam e sustentam o

sistema capitalista. Chegou a um ponto em que uma pessoa ou população é definida pelo o que ela consome, definindo as relações desiguais entre os países, criando um cenário globalizado que promove o distanciamento entre as classe sociais e reconstruindo uma nova hierarquia social (Pereira; Veloso 2020 p.115). Desde então, essa interação tem moldado o modelo de consumo.

O foco aqui é no consumo excessivo, ou como cita Stuart, Gunderson e Peters (2022); no artigo “*Overconsumption as Ideology Implications for Addressing Global Climate Change*”¹, *overconsumption*, de produtos que não são essenciais para a vida ou para a sobrevivência, mas que geram um impacto irremediável ao meio ambiente, ao passo que para produzir gera um grande impacto ambiental através da produção. Trata-se de bens voltados à criação de desejos artificiais, que confundem a ideia de necessidade com a de prazer imediato, criando um cenário onde consumo leva a produção.

Consequentemente, o uso constante dos recursos naturais para fins produtivos — incluindo o processo de fabricação e os meios de transporte, grandes responsáveis pelas emissões de carbono — tem levado a uma degradação ambiental profunda e, em muitos casos, irreversível. Os indicadores de crescimento econômico frequentemente moldam uma visão positiva do desenvolvimento, mas, na prática, acabam sustentando um ciclo produtivo contínuo enquanto os níveis de desigualdade, exploração ambiental e exclusão social aumentam silenciosamente.

Esse assunto tem ganhado pauta nos dias atuais, embora não se trate de um tema recente, principalmente dentro das relações internacionais. O aumento da frequência e da intensidade dos impactos ambientais — como a degradação dos ecossistemas, as mudanças climáticas e a transformação de modos de vida — têm elevado a centralidade desse debate no cenário global. Dessa forma, foi um assunto que veio sendo discutido pela sociedade internacional, uma vez que essas questões não afetam apenas o meio ambiente em si, mas influenciam diretamente os modelos de produção, os sistemas econômicos e a qualidade de vida das populações. portanto é um assunto que deve ser discutido e levado em consideração pelos países e sociedade internacional, pois as consequências vão desde o agravamento da desigualdade social até perdas materiais significativas, deslocamentos forçados e prejuízos econômicos decorrentes de catástrofes ambientais irreversíveis.

Trata-se de uma problemática que transcende fronteiras nacionais, exigindo a articulação conjunta de Estados, organizações internacionais e sociedade civil. A complexidade desse fenômeno revela múltiplas camadas interligadas — sociais, políticas, econômicas e ambientais — que configuram um sistema global profundamente conectado e interdependente.

¹ O Consumismo como Ideologia: Implicações para o Enfrentamento das Mudanças Climáticas Globais

Isso é tratado pela teoria crítica das relações internacionais, autores como Marx Horkheimer e Theodor Adorno. A partir da perspectiva da Teoria Crítica na escola de Frankfurt, para Horkheimer ele abordou como a forma política e social impactam na produção em massa (Horkheimer, 1985 p.198). Sob essa perspectiva, o consumo é compreendido não apenas como uma prática econômica, mas como um instrumento ideológico que reproduz estruturas de dominação. Dessa forma pode-se compreender o consumo como um mecanismo de alienação que mascara as relações de domínio entre seres humanos e entre a humanidade e a natureza (Horkheimer; Adorno, 1985) .

Essa relação tem tomado proporções enormes ao longo dos anos, de modo que começou a ameaçar a vida na terra e o meio ambiente com o frequente uso dos recursos naturais. Isso é notável através das pesquisas e dados que são divulgados frequentemente por instituições especializadas que monitoram os indicadores de impacto ambiental. Isso é observado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, ele é responsável por “fornecer aos formuladores de políticas avaliações científicas regulares sobre as mudanças climáticas, suas implicações e potenciais riscos futuros, bem como para propor opções de adaptação e mitigação”² (IPCC, 2022) . Diante disso, é notável que eventos climáticos extremos estão se tornando mais frequentes e intensos, impactando especialmente os países e populações mais vulneráveis.

Além disso, as mudanças climáticas deixaram de ser apenas uma preocupação ambiental e passaram a representar um desafio multidimensional, com impactos geopolíticos, sociais e econômicos que ultrapassam fronteiras físicas. Segundo o relatório de 2023 da Organização Meteorológica Mundial (OMM), o ano bateu recordes históricos de temperatura, com média global próxima ao limite de 1,5 °C do Acordo de Paris — o que intensificou eventos climáticos extremos como secas, enchentes e ondas de calor sem precedentes (OMM, 2024). Essas ocorrências afetam de forma desproporcional os países em desenvolvimento, onde a capacidade de adaptação é limitada.

A escassez de água e alimentos já impulsiona deslocamentos populacionais em regiões da África e da Ásia, e o Banco Mundial alerta que, até 2050, até 216 milhões de pessoas podem ser forçadas a migrar dentro de seus próprios países por motivos climáticos (World Bank, 2021). Diante desse cenário, cresce o risco de conflitos por recursos naturais essenciais, como água potável e alimentos, caso os padrões de produção e consumo continuem insustentáveis.

Nesse sentido, o IPCC, em 2018, destacou a urgência de limitar o aumento da temperatura e estabeleceu uma meta de diminuir a temperatura da terra em pelo menos 1,5 ° C, isso gerou um debate em relação à forma de consumo e produção. Essa discussão é debatida por Krenak (2022) em *Ideias para adiar o fim do mundo*, ao apontar que determinadas regiões

² <https://www.ipcc.ch/>

do planeta são tratadas como “amostras grátis da Terra” (Krenak, 2022, p. 8), sendo exploradas de forma contínua e intensiva para sustentar o estilo de vida predatório de uma parcela da humanidade. Como afirma o autor: “essas regiões estão a serviço da humanidade que pensamos ser” (Krenak, 2022, p. 8). Esse cenário evidencia uma legitimidade lógica utilitarista que legitima a continuidade das práticas destrutivas, mesmo diante de seus impactos socioambientais evidentes. Esse olhar crítico revela a persistência de uma hierarquia global de exploração ambiental, onde determinadas populações e territórios são sacrificados em nome do progresso.

Apesar da existência de dados concretos e divulgados sobre os impactos do consumo excessivo nas mudanças climáticas, medidas concretas ainda são insuficientes diante da gravidade do cenário ambiental. Como é evidenciado pela Organização das Nações Unidas por meio da Agenda 21 criada em 1992 Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92) realizada no Rio de Janeiro. Por meio dela foi reconhecido que os padrões insustentáveis de produção e consumo representavam uma ameaça. Nesse sentido, foi estabelecido uma meta de distanciamento do mundo do modelo insustentável de crescimento econômico³ que o mundo estava seguindo e buscou fomentar a transição para modelos de desenvolvimento que atendessem às necessidades econômicas, sociais e ambientais de forma integrada..

Diante disso, foi criado o conceito “desenvolvimento sustentável” ou “sustentabilidade” pela médica Gro Harlem no relatório “Nosso Futuro Comum” (1987), nele ela propõe um modelo de crescimento que satisfaça as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades, ou seja deve -se ter um equilíbrio entre a produção e o consumo dos recursos naturais de modo coloca os Estados diante do desafio de equilibrar progresso material e preservação ambiental, como ela cita “No mínimo, o desenvolvimento sustentável não deve pôr em risco os sistemas naturais que sustentam a vida na Terra: a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos.” (**Gro Harlem do Relatório Brundtland, “Nosso Futuro Comum”**, 1987)⁴.

Dessa forma, desde o surgimento das preocupações ambientais no cenário internacional, as metas e objetivos globais dessa conferências internacionais voltadas ao meio ambiente foram sendo reformulados, atualizados e criados conforme o desenvolvimento do crescimento econômico e social e seus impactos no meio ambiente. Considerando que o consumo é um grande fator de impacto ambiental, ele está diretamente ligado ao crescimento econômico, isso coloca os Estados diante do desafio de equilibrar progresso material e preservação ambiental.

³ <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente?>

⁴ <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente?>

Nesse sentido foram criados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que são 20 objetivos “para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima”. Uma delas é a ODS 12 que aborda o “Consumo como Produção Responsáveis”⁵, algumas de suas medidas é os países desenvolvidos assumirem a liderança tendo em vista que a capacidade dos países em desenvolvimento; reduzir pela metade o desperdício de alimentos; reduzir a geração de resíduos por meio da prevenção, redução e reciclagem; incentivar as empresas a adotar práticas sustentáveis; até 2030 garantir a informação.

Diante disso, é uma meta a ser cumprida visto que os dados e informações referentes ao meio ambiente vem sendo divulgados com mais frequência devido ao agravamento da degradação ambiental, por isso foi necessário incorporar novos objetivos para que haja um equilíbrio e que esse cenário não piore as condições ambientais. Isso é um grande fator das relações consumista-econômico, visto que nossas ações estão sendo construídas para consumo e nós somos a engrenagem de todo este sistema.

Embora existam metas e objetivos estabelecidos para conter o avanço da crise climática, é evidente que inúmeros obstáculos impedem a sua plena concretização. No Brasil, por exemplo, os desafios relacionados à implementação de políticas ambientais sustentáveis se tornaram ainda mais visíveis. Em 2023, o mundo registrou recordes históricos em relação aos eventos climáticos extremos, com impactos socioeconômicos significativos, especialmente sobre populações mais vulneráveis. De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), houve um aumento preocupante nos níveis dos gases de efeito estufa, nas temperaturas da superfície terrestre e na elevação do nível do mar. “Jamais estivemos tão próximos do limite inferior de 1,5°C do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas”, afirmou a Secretária-Geral da OMM, Celeste Saulo (OMM, 2024). Isso são consequências dos gases CO₂ liberados quando há queima de combustíveis fósseis, utilizados na fabricação de produtos

Como é abordado por Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, e especialmente por Horkheimer e Adorno (1985) em “Dialética do Esclarecimento”, esse processo de alienação, no qual o consumo passou a ser um mecanismo de controle e reprodução do sistema capitalista, passa a ser um causador da degradação ambiental. O consumo, segundo eles, “funciona como um anestésico social” (Adorno; Horkheimer, 1985), promovendo o conformismo e uma falsa sensação de liberdade, ao passo que oculta as desigualdades estruturais e os impactos ambientais da produção em massa.

Enquanto as pessoas estiverem dispostas a pagarem valores absurdos por produtos, vestuários e alimentos muitas vezes supérfluos, a lógica de produção e consumo continuará sendo estimulada — ou até mesmo ampliada — uma vez que atende aos interesses do mercado e mantém aquecido o sistema econômico vigente. Essa dinâmica é reforçada por uma

⁵ <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente?>

engrenagem produtiva voltada ao lucro, onde o crescimento econômico é priorizado, frequentemente em detrimento de questões ambientais e sociais. Assim, o consumo desenfreado legitima e perpetua um modelo de desenvolvimento insustentável, influenciando inclusive a forma como o Estado se posiciona e atua diante desse cenário ilusório de progresso, mascarado por uma aparente prosperidade baseada na exploração de recursos naturais e no consumo como identidade.

Como aponta Debord em “A Sociedade do Espetáculo” (1997), vivemos em uma lógica onde “se confunde bem com mercadoria; satisfação com sobrevivência” (Debord, 1997 p. 34), assim, mercadorias não é apenas um objeto de troca, mas uma mediadora da realidade, que causam uma sensação ilusória de felicidade e pertencimento. Esse cenário vai criando um ambiente em cadeia, em que esse ciclo se repete, o desejo e a propaganda criam esse cenário de consumo e que conseqüentemente é sentido no meio ambiente de forma pesada e que vem gerando impactos que estão progredindo cada vez mais, e as políticas existentes não estão sendo eficazes

Dentro desse processo, a ideologia do consumo produz uma ilusão de liberdade, fazendo crer que consumir é escolher, quando na verdade trata-se de um comportamento moldado por estruturas de poder e mercado. É uma ideologia que valoriza a compra e a posse de bens como fonte de felicidade e status social, ele está ligado ao crescimento econômico e conseqüentemente a degradação ambiental uma vez que existe uma relação político econômico (Stuart; Gunderson; Peters, 2020) que constroem um cenário propício ao crescimento de uma interdependência entre consumo - produção e crescimento econômico, degradação ambiental. Isso é observado por Hugo Veloso e Luciana Pereira; no artigo “A proteção constitucional ao meio ambiente sob a perspectiva da modernidade líquida de Zygmunt Bauman”:

A globalização estimulou o consumo e a competitividade num processo de tentação e atração, existente para manter os consumidores interessados e, assim que são fígados por alguma mercadoria, a fugacidade daquele desejo se altera, criando uma nova e artificial ambição. A obsolescência programada é o melhor exemplo (Bauman, 1999, p.116).

O espetáculo, conforme abordado por Douglas Kellner (1983) “*image and spectacle to manipulate people into social conformity and into behaving in ways functional for the reproduction of capitalism*” (Kellner, 1983, p. 67), representa uma forma sutil, porém eficaz, de dominação característica do capitalismo moderno, operando por meio de instituições e práticas cotidianas que naturalizam relações de poder. Trata-se de mecanismos simbólicos e discursivos que não se impõem pela força direta, mas por meio da sedução, da imagem e do consumo,

moldando subjetividades e comportamentos de maneira quase imperceptível (Kellner, 1983, p. 68).

Essa lógica está presente nas novas formas de interação promovidas pelas redes sociais, onde o compartilhamento massivo de conteúdos relacionados a produtos — como roupas, cosméticos ou eletrônicos — reforça o desejo de consumo sem qualquer problematização sobre os impactos socioambientais envolvidos na produção desses bens. Questões como a origem das substâncias utilizadas, as condições de trabalho na cadeia produtiva ou mesmo a legitimidade de selos ambientais passam despercebidas, sendo substituídas por uma estética de desejo, pertencimento e status social. Esse cenário acaba criando uma cultura consumista aliado ao uso de propagandas, imagens e compartilhamento de informações dissociando-se da imagem bem como aborda Barnard (2004):

The spectacle is the notion that all human relations are mediated by images from advertising, film and other sections of the mass media, driven towards controlling people's activities and consciousness. The need for the production and consumption of commodities (both material and cultural) is ensured by the reign of the spectacle, which is the enemy of a directly-lived and fully human life (Barnard, 2004, p. 205).

Isso é notável por conta do crescimento econômico que é alimentado pelo consumo e a sensação de algo novo para comprar. O *Behind the scenes*, que é como esse produtos são fabricados, é pouco notável ou não é visto. Mas a verdadeira questão é o que foi utilizado da terra, extraído, sua forma de fabricação, quantos litros de água foram necessários, quais as matérias primas foram utilizadas?

Esse cenário é questionado por Ailton Krenak (2019), ele aborda que esse modelo de vida voltado ao bem-estar como de consumo é espalhado pelos donos do dinheiro para manter esse ciclo sem fim (Krenak, 2019, p.11). Além disso, ele critica a forma que essas corporações vão se infiltrando cada vez mais no modo de viver da sociedade, moldando uma forma de viver artificial (Krenak, 2019, p.11) e divulgando uma forma de vida que poucos têm condições de manter.

Em consequência disso, quem sofre os efeitos dessa nova realidade artificial é a terra e os seres vivos que moram nela, o aumento da temperatura, desmatamentos, intoxicação das águas, aumento das catástrofes ambientais. Todos são efeitos de um modelo de produção que fortalece o crescimento econômico e fomenta o consumo de novos produtos.

Não se trata de criticar a produção essencial para nossa sobrevivência, pois essa necessidade vai além do dinheiro. No entanto, convém questionar se essa produção, que impacta diretamente o meio ambiente e configura um cenário que contribui para crises

climáticas futuras, está sendo conduzida de forma sustentável. Uma vez que observa-se que é uma interação que está baseada nas necessidades e desejos da sociedade configurou-se em uma vida privada manipulada pelas propagandas, mídias, pequenos momentos de felicidade modificando o jeito de sua percepção do dinheiro e do consumo (Stuart; Gunderson, Peters, 2020).

Inúmeros produtos são criados diariamente para suprir necessidades artificialmente construídas, resultando em um volume excessivo de bens que atendem apenas a um pequeno nicho, enquanto os custos ambientais e sociais dessa lógica de consumo são amplamente negligenciados. Dessa forma se faz necessário criar modelos de crescimento econômico que equilibrem a utilização dos recursos naturais com o a forma de fabricação; energias renováveis; carros econômicos que não emitem CO₂; desenvolvimento tecnológico que reduzem os efeitos ambientais e financiamento de pesquisas voltadas ao meio ambiente que evoluem e progridem positivamente

Essa lógica de consumo gera uma pegada ecológica imensa, mas permanece invisível aos olhos da sociedade, encoberta pelo discurso de progresso e desenvolvimento. Segundo Ailton Krenak (2019), autor indígena brasileiro, que luta pelos direitos ambientais, tenta expor as consequências desse consumo, isso é evidenciado quando ele teve que lutar para criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil para provar a importância desse local para o equilíbrio ambiental. Embora os impactos ambientais sejam amplamente documentados por pesquisas, leis, diretrizes e fatos concretos, pouco é efetivamente cumprido. Há mais de 30 anos, conferências internacionais voltadas ao meio ambiente foram iniciadas para mitigar os danos da produção desenfreada. No entanto, os efeitos observados hoje divergem drasticamente do que foi proposto, evidenciando a inércia e a falta de comprometimento na implementação de soluções sustentáveis.

Apesar do avanço das conferências internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) com foco na agenda ambiental — como a Rio-92, a Rio+20 e as Conferências das Partes (COPs) —, as medidas propostas por esses encontros frequentemente esbarram em interesses econômicos nacionais e globais, sendo violadas ou negligenciadas em nome do crescimento econômico. Essa contradição é particularmente evidente nos países em desenvolvimento, que buscam atingir níveis de industrialização e bem-estar semelhantes aos dos países desenvolvidos. No entanto, essas nações são sistematicamente mantidas em posições periféricas na divisão internacional do trabalho, funcionando como fornecedoras de matéria-prima e mão de obra barata para sustentar os padrões de consumo do Norte Global. Essa dinâmica reforça um ciclo econômico desigual e repetitivo, em que os mesmos países permanecem vulneráveis tanto ambiental quanto economicamente. Como destaca Walter Mignolo (2003), trata-se de uma colonialidade do poder que perpetua relações assimétricas e

impede a construção de alternativas verdadeiramente sustentáveis e equitativas no sistema internacional.

Portanto pode-se perceber que essa relação de poder entre crescimento econômico está interligada e deve se desenvolver conforme proposto pelo ODS 12 da ONU, as práticas devem ser mais eficazes e eficientes, uma vez que se esse cenário continuar, os recursos naturais irão ser extintos bem como a vida na terra. Esse pensamento dialoga diretamente com a proposta do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12 da Agenda 2030 da ONU, que trata de assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis. Embora a ODS 12 proponha metas concretas, como a redução significativa do desperdício de alimentos e o incentivo a práticas empresariais sustentáveis, ela muitas vezes é capturada por discursos institucionais que não rompem com as estruturas fundamentais do capitalismo de mercado. O consumo, nesse sentido, permanece sendo tratado como motor do crescimento econômico, e não como parte do problema sistêmico.

Para Krenak, o consumo é mais do que uma prática econômica – ele é uma ideologia que molda subjetividades e apaga formas de vida alternativas. Essa crítica aproxima-se da teoria crítica e do pensamento de autores como Horkheimer e Adorno, que já denunciavam a alienação imposta pela indústria cultural e pela racionalidade instrumental. Mas Krenak vai além: sua crítica não é apenas ao consumo, mas à própria noção de humanidade que foi construída pela modernidade. Ao chamar atenção para a separação entre ser humano e natureza promovida pela civilização ocidental, ele propõe uma revalorização das cosmologias indígenas como forma de resistência à lógica predatória que ameaça a continuidade da vida no planeta.

Nesse sentido, a ODS 12 só será eficaz se for capaz de integrar saberes plurais, como o pensamento indígena, e promover uma ruptura com a noção de que desenvolvimento sustentável pode coexistir com o modelo atual de produção em massa e consumo ilimitado. Como ressalta Krenak, “o sonho da humanidade industrializada e urbana virou pesadelo” (2019, p. 45), e é preciso despertar desse sonho para adiar, de fato, o fim do mundo.

5. Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo evidenciar como a teoria pode explicar a dinâmica do consumo como ferramenta das consequências climáticas. Nesse sentido, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente através de Horkheimer e Adorno, aprofunda essa discussão ao abordar o conceito de “indústria cultural” e a racionalidade instrumental, elementos que perpetuam a alienação dos indivíduos e a reificação da natureza dentro do sistema capitalista (Adorno; Horkheimer, 1985).

Já o autor Ailton Krenak, indígena brasileiro, traz uma visão cosmológica alternativa e

profundamente crítica ao modelo ocidental de desenvolvimento. Em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020), Krenak questiona a lógica do progresso e propõe a valorização de outros modos de existência, mais integrados com a natureza e pautados por relações não predatórias com o planeta.

Ambos abordam perspectivas diferentes mas que dialogam com um tema em comum: o consumo como mecanismo que alimenta os bolsos e aos poucos “mata” o planeta. Ambas as abordagens, ainda que oriundas de matrizes distintas, convergem na denúncia de uma racionalidade produtivista que coloca o planeta e suas populações em risco. É evidenciado pelo IPCC em 2018 que a progressão da crise climática e da poluição ambiental, das águas, do ar e da terra são decorrentes dessa produção desenfreada para suprir necessidades falsas.

Dessa forma, pode-se perceber o motivo da preocupação com o planeta presente no pensamento de Ailton Krenak. Para ele, o consumo é a principal engrenagem que alimenta o sistema de degradação ambiental, intensificando os riscos que ameaçam a vida no planeta. Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), Krenak é incisivo ao afirmar que a lógica da utilidade, imposta pela racionalidade capitalista, desumaniza a vida e rompe os laços entre os seres humanos e a natureza. Segundo o autor, “a vida não é útil” (KRENAK, 2019, p. 23), e o modelo ocidental de progresso desconsidera outras formas de existência que valorizam o cuidado com a Terra, o respeito aos ciclos naturais e a coletividade. Para Krenak, a modernidade construiu um modo de vida baseado na separação entre humanidade e natureza, o que contribuiu para o avanço de práticas destrutivas justificadas pela ideia de desenvolvimento. Essa crítica se mostra especialmente relevante ao considerar o atual cenário de crise climática, em que o consumo exacerbado é tratado como pilar do crescimento econômico, mas ao custo da destruição ambiental e do apagamento de saberes ancestrais.

Portanto, torna-se indispensável discutir esse tema em uma sociedade marcadamente consumista, hiperconectada e cada vez mais imersa em uma cultura digital que estimula o consumo constante de conteúdos e produtos. A alienação promovida por informações fragmentadas e por estratégias publicitárias persuasivas constrói realidades artificiais, que moldam percepções, desejos e comportamentos. Essa lógica sustenta uma estrutura social desprovida de pensamento crítico, na qual a busca por satisfação imediata se sobrepõe à reflexão sobre os impactos ambientais, sociais e éticos do consumo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARNARD, Adam. The legacy of the Situationist International: The production of situations of

creative resistance. *Capital & Class*, v. 28, n. 3, p. 103–124, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BULL, Hedley. *A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. *Summary for Policymakers*. In: *Global Warming of 1.5°C*. Geneva: World Meteorological Organization, 2018. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/sr15/>. Acesso em: 08 maio 2025.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. *Sixth Assessment Report*. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acesso em: 08 maio 2025.

KELLNER, Douglas. Critical Theory, commodities and the consumer society. *Theory, Culture & Society*, v. 1, n. 3, p. 66–83, 1983.

KEOHANE, Robert. *After hegemony: cooperation and discord in the world political economy*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORGENTHAU, Hans. *Politics among nations: the struggle for power and peace*. New York: Alfred A. Knopf, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Mudança climática: causas e impactos*. Disponível em: <https://www.un.org/pt/climatechange/what-is-climate-change>. Acesso em: 08 maio 2025.

ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL. *2023 demoliu recordes climáticos no mundo, diz relatório da OMM*. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/03/19/2023-demoliu-recordes-climaticos-no-mundo-diz-relatorio-da-organizacao-meteorologica-mundial.ghtml>. Acesso em: 08 maio 2025.

ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL (OMM). *2023 demoliu recordes*

climáticos no mundo, diz relatório da Organização Meteorológica Mundial. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/03/19/2023-demoliu-recordes-climaticos-no-mundo-diz-relatorio-da-organizacao-meteorologica-mundial.ghtml>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SCIELO. *Consumo, meio ambiente e modos de vida sustentáveis*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 maio 2025.

UNIÃO EUROPEIA. *Os números das emissões do tráfego aéreo e do transporte marítimo de mercadorias*. Parlamento Europeu. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20191129STO67756>. Acesso em: 08 maio 2025.

CNN BRASIL. *O que é o Acordo de Paris e por que os EUA saíram*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-e-o-acordo-de-paris-e-porque-os-eua-sairam>. Acesso em: 08 maio 2025.

WORLD BANK. *Groundswell Part 2: Acting on Internal Climate Migration*. 2021. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2021/09/13/groundswell-part-2-acting-on-internal-climate-migration>. Acesso em: 15 mai. 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Roberto e Socorro, que nunca desistiram de mim e que sempre me apoiaram nos meus sonhos, ter pais presentes e que acreditaram em mim nessa jornada facilitou meu caminho por essa etapa da minha vida. A eles sou grata pela chance de poder vivenciar essa experiência longe deles, por viver em uma cidade nova, por conhecer pessoas novas e novas experiências. Sem eles não estaria nesse caminho, para sempre grata aqueles que moldam meu caminho.

Nessa fase a gente vai fazendo amigos inesquecíveis e que serão para o resto da vida, a Maria Luiza, Ane, Gabi, Alice, Duda e Morgana, serei eternamente grata a Deus por ele ter cruzados nossos caminhos, nós de lugares diferentes viemos nos encontrar em uma fase da Vida que será lembrada pra sempre e sem vocês não conseguiria passar por isso sozinha. Muito obrigada pelos momentos que vivemos juntas nesse período tão importante de nossas vidas.

Gostaria de agradecer ao meu orientador José Neto que me ajudou nessa fase, por me

escutar e por me dar apoio nesse momento. A todos que trilharam meu caminho durante essa jornada acadêmica, meu mais sincero agradecimento! Obrigada por abrirem mais um pote de memórias em minha estante.